

REPRESENTAÇÃO DAS CLASSES EXPERIMENTAIS SECUNDÁRIAS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRJ (1958 -1962)¹

Ana Carolina Ebling Sigismondi Bauer², Norberto Dallabrida³.

¹ Vinculado ao projeto “Cultura Escolar nas Classes Secundárias Experimentais (décadas de 1950 e 1960)”

² Acadêmica do Curso de Pedagogia a Distância – CEAD – Bolsista PIBIC

³ Orientador, Departamento de Pedagogia a Distância – CEAD – norberto.dallabrida@udesc.br

No intuito de promover a renovação e modernização na educação escolar para adolescentes e a formação inicial aos futuros professores, o Ministério da Educação (MEC) aprovou o decreto-lei nº 9.053, de 12, de março de 1946, que autorizava a criação dos colégios de aplicação. As universidades públicas, em suas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, assumiram o compromisso de criar e manter colégios de aplicação que se tornariam espaços de formação para licenciandos, possibilitando a experimentação de novas metodologias e diversificando o processo educativo. Assim, em 18 de maio de 1948 foi instituído o Colégio de Aplicação (CAp) da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – em funcionamento até os dias atuais. O CAp da UFRJ sempre foi uma instituição pública que buscou a formação de cidadãos críticos e com grande engajamento político-pedagógico.

No decorrer da década de 1950 o ensino secundário brasileiro passou a ser mais fortemente discutido e, inspirados pelo ideário da Escola Nova, alguns educadores de colégios públicos e de educandários privados deram início a experiências renovadoras, utilizando como modelo as matrizes pedagógicas norte-americanas e francesas. Impulsionado por algumas experiências que vinham sendo implementadas, o MEC publicou, em 1958, as “Instruções sobre a natureza e a organização das classes experimentais”, que autorizavam a implantação das classes secundárias experimentais a partir do ano letivo seguinte. Neste contexto e vislumbrando novas perspectivas para o CAp da UFRJ, em 1958 a diretoria do colégio deu início à movimentação para a implantação das classes secundárias experimentais. Como diretor e grande entusiasta das classes experimentais, o professor Luiz Alves de Mattos exerceu grande influência e liderança durante os vinte primeiros anos de funcionamento do colégio, tendo acumulado várias funções no âmbito da educação brasileira e um papel importante na renovação do ensino secundário.

Buscando compreender como se deu a representação das classes experimentais secundárias dentro do CAp da UFRJ, utilizamos como fonte três documentos oficiais obtidos no PROEDES – Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O primeiro documento é o Plano das Classes Experimentais do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia (Universidade do Brasil), datado de 14 de agosto de 1958. A segunda fonte é o Relatório do Prof. Luiz Alves de Mattos ao Prof. Eremildo Luiz Viana (diretor da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil), de março de 1959, que trata de uma solicitação de autorização para o funcionamento de duas classes experimentais. O terceiro documento é um Relatório da Comissão de Estudos sobre Turmas Experimentais, elaborado por Antônio Monteiro Guimarães Filho, Sérgio Jacques Flaksman e Tasso Augusto Jatobá Napoleão, representantes da Universidade do

Brasil e sem data definida. O recorte temporal parte de 1958, ano no qual iniciou-se o plano de funcionamento das classes experimentais secundárias no Cap UFRJ, findando em 1962, quando se dá o período de conclusão da primeira turma experimental. Inscrito no campo da História da Educação e tomando por base a nova História Cultural, esse estudo analisa como se deu a representação das classes secundárias experimentais do CAP da UFRJ ocorrida neste recorte temporal, através do conceito de representação cunhado por Roger Chartier. O autor entende que a representação acontece pelas interpretações de processos históricos de forma estratégica e intencional dando origem a novos significados e possibilitando diferentes sentidos e interpretações. Os documentos históricos realizam a presentificação do ausente – no caso o passado escolar – e, assim, refratam esse passado, construindo representações.

Dessa forma, inicialmente o estudo procura compreender o Plano das Classes Experimentais, um documento desdobrado e bem delineado que seguiu os requisitos expostos pelo MEC para implementação da experiência pedagógica inovadora. A análise deste documento de preparação para a vivência prática das classes experimentais comprova a preocupação do CAP da UFRJ em realizar melhorias no processo educativo. O plano foi norteado por três propósitos principais: uma nova seriação das disciplinas com foco nas práticas educativas e nas atividades extracurriculares; a aplicação de métodos ativos e experimentais, considerando as individualidades dos alunos e desenvolvendo valores como iniciativa, criatividade, responsabilidade social e disciplina para o trabalho; e, por último, a aquisição de uma cultura geral que buscava a formação de uma consciência humana e social de seus estudantes. O segundo documento é um relatório que pleiteava a autorização para o funcionamento de uma segunda turma de classe experimental, que apresenta argumentos assertivos para uma exceção ao que as normas para execução da experiência autorizavam em relação ao limite máximo de 30 alunos por turma. O texto embasa a preocupação do Cap da UFRJ em proporcionar uma experiência com caráter mais científico, possibilitando mensurar e comparar os resultados obtidos com duas turmas experimentais, funcionando paralelamente e enfrentando situações semelhantes ao invés de fazer esta análise com a turma regida pela Lei Orgânica do Ensino Secundário. E, por fim, o Relatório da Comissão de Estudos sobre as Turmas Experimentais aborda questões práticas da questão educacional que estavam em análise como a padronização dos conceitos de atitudes e de aproveitamento, a representação da turma nos conselhos de classe, os exames finais, as atividades extraclasse e a mudança de currículo. Apresentando sugestões e argumentos para possíveis melhorias, este último documento corrobora com a percepção de que o Cap da UFRJ atuou de forma séria e responsável com esta experiência, estando de fato comprometido com a formação de seus estudantes e assumindo com responsabilidade seu papel educativo na sociedade.

Em conclusão, os documentos estudados reforçam o compromisso do CAP da UFRJ na construção de uma identidade capiana tanto na questão pedagógica com metodologias ativas e estratégias de ensino como na formação de estudantes críticos capazes de atuar plenamente na sociedade moderna. Eles apresentam a versão oficial dada pelo corpo diretivo da escola, atravessada por interesses institucionais frente aos órgãos reguladores do MEC. A pesquisa com os documentos oficiais instigou-nos a buscar outras representações das classes secundárias experimentais do CAP da UFRJ, mormente por meio da coleta de depoimentos de ex-estudantes

Palavras-chave: Colégio de Aplicação. Classes Secundárias Experimentais. Representação.